


## A PRESENÇA MASCULINA NA PEDAGOGIA: UMA ANÁLISE HISTÓRICA

Samuel de Santana Aleixo Brown<sup>1</sup>  
Vitória de Santana Aleixo Brown<sup>2</sup>  
Giza Guimarães Pereira Sales<sup>3</sup> 

### RESUMO

Este artigo apresenta uma investigação sobre a incidência da presença masculina no Curso de Pedagogia. Com os objetivos propostos, buscou-se compreender o contexto histórico e social da formação docente no Brasil, a fim de perceber como as relações entre os gêneros foram se constituindo na área. A pesquisa se concentrou no Curso de Pedagogia de uma instituição particular, confessional e sem fins lucrativos. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e exploratória, bem como pesquisa de campo, através de entrevistas com os egressos do curso de pedagogia dessa instituição, para identificar o perfil desse público; além de realizar análise dos dados qualitativos utilizando o software WebQDA. Mediante a pesquisa, concluímos: a presença do gênero masculino na pedagogia, tal como se encontra, é resultado de um processo histórico. E embora muito já tenha sido feito contra o preconceito que esses profissionais enfrentam de diversas formas, ainda há para se fazer.

**Palavras-chave:** Formação do pedagogo. Gênero masculino na pedagogia. Homens na pedagogia.

Editor Científico: Ellen Nogueira Rodrigues  
Organização Comitê Científico  
Double Blind Review pelo SEER/OJS  
Recebido em 31.05.2023  
Aprovado em 13.09.2023

Como citar: DE SANTANA ALEIXO BROWN, S.; BROWN, V. de S. A.; GUIMARÃES PEREIRA SALES, G. A A presença masculina na pedagogia: uma análise histórica. *Docent Discunt*, Engenheiro coelho (SP), v. 4, p. e01597, 2023. <https://doi.org/10.19141/2763-5163.docentdiscunt.v4.n1.pe01597>

<sup>1</sup>Centro Universitário Adventista de São Paulo - UNASP, São Paulo, (Brasil). E-mail: [samuelsaleixo@gmail.com](mailto:samuelsaleixo@gmail.com)

<sup>2</sup> Centro Universitário Adventista de São Paulo - UNASP, São Paulo, (Brasil).

<sup>3</sup>Centro Universitário Adventista de São Paulo - UNASP, São Paulo, (Brasil). E-mail: [giza.sales@gamil.com](mailto:giza.sales@gamil.com) Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-6452-5047>

## THE MALE PRESENCE IN PEDAGOGY: A HISTORICAL ANALYSIS

### ABSTRACT

This article presents an investigation into the incidence of male presence in the Pedagogy Course. With the proposed objectives, we sought to understand the historical and social context of teacher training in Brazil, in order to understand how relations between genders were formed in the area. The research focused on the Pedagogy Course at a private, confessional and non-profit institution. The methodology used was bibliographic and exploratory research, as well as field research, through interviews with graduates of the pedagogy course at this institution, to identify the profile of this audience; in addition to performing qualitative data analysis using the WebQDA software. Through research, we concluded: the presence of the male gender in pedagogy, as it stands, is the result of a historical process. And although much has already been done against the prejudice that these professionals face in different ways, there is still work to be done.

**Keywords:** Pedagogue training. Male gender in pedagogy. Men in pedagogy.

### Introdução

Em nosso país, o Curso de Pedagogia tem se constituído por uma característica que o define ao longo de muitas décadas: ser um curso majoritariamente feminino. Nesse sentido, a Pedagogia não apenas tem sido pouco reconhecida na sociedade, como também vista com preconceito por parte do público masculino pré-universitário, especialmente quando se pensa na sua atuação na docência da Educação Infantil e Ensino Fundamental. Como afirma Piazzetta (2013), citando Rabelo e Sayão,

No contexto atual, o professor homem torna-se um corpo estranho nas séries iniciais do ensino fundamental”, o que não se apresenta de forma distinta na educação infantil, pois “a chegada de um homem num espaço dominado por mulheres e supostamente feminino produz uma sensação de deslocamento, desconfiança e incômodo (Piatezza, 2015, p. 3).

De acordo com Demartini e Antunes (1993, p. 6), a “feminização” no magistério vem ocorrendo desde meados do século XIX quando, no Brasil Imperial, foram aprovadas leis concedendo à mulher o direito à educação (Lei das escolas de primeiras letras de 15 de outubro de 1827, entre outras). Como consequência da chegada das mulheres ao magistério, sempre que possível, os homens que atuavam

em sala de aula passavam a ocupar outras funções, geralmente de liderança, deixando a docência, aos poucos, ser reconhecida como um espaço “feminino” (Demartini, 1993). Essa realidade, portanto, foi se consolidando ao longo do tempo, tornando a docência no ensino básico uma profissão prioritariamente feminina, ao passo que apenas algumas funções de liderança eram destinadas ao público masculino.

O masculino nesse contexto, ao exercer uma profissão considerada feminina, personifica o conflito da expectativa social, além de indicar as “exceções aos padrões de gênero ou tentativas de reafirmação de sua masculinidade” (Rabelo, 2013, p. 911).

Tal predominância pôde ser percebida nos cursos de formação docente que existiram no Brasil ao longo das últimas décadas, como Curso Normal, Instituto de Educação, Magistério, Curso Normal Superior e, atualmente, no Curso de Pedagogia, onde a maioria dos ingressantes são mulheres. Diante desse panorama, com esta pesquisa pretende-se identificar quais são as motivações e expectativas que levam algumas pessoas do gênero masculino a ingressarem no curso de Pedagogia.

De um lado, o magistério era a única profissão que permitia conciliar as funções domésticas da mulher, tradicionalmente cultivadas, junto aos preconceitos que bloqueavam a sua profissionalização. Por outro lado, o magistério feminino apresentava-se como solução para o problema de mão de obra para a escola primária, pouco procurada pelo elemento masculino em vista da reduzida remuneração. Em várias províncias, a destinação de órfãs institucionalizadas para o magistério visava ao seu encaminhamento profissional - como alternativa para o casamento ou para o serviço doméstico - bem como o preenchimento de cargos no ensino primário a custo de poucos salários (Schneider, 1993; Tanuri, 2000; 1979).

O presente trabalho buscou investigar a presença dos indivíduos do gênero masculino no curso de Pedagogia, tradicionalmente considerado um ambiente de trabalho feminino. O objetivo é compreender o contexto histórico e social da formação docente no Brasil a fim de perceber como as relações de gênero foram se constituindo nesse campo de atuação. Para tanto, a pesquisa incidirá sobre o Curso de Pedagogia de uma instituição confessional do interior de São Paulo. Como objetivos específicos desejamos também:

1. Apresentar um breve histórico da presença masculina na pedagogia no Brasil;
2. Identificar os fatores que contribuíram para um certo esvaziamento do público masculino nos Cursos de Pedagogia e no exercício da docência na educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental;
3. Perceber e mapear, por meio de entrevistas, a predominância do gênero masculino no curso de Pedagogia de uma instituição confessional do interior de São Paulo relacionando esses dados com as informações coletadas durante a revisão bibliográfica.

Esta pesquisa se justifica a partir da necessidade de compreender qual a incidência do público masculino no curso de pedagogia de uma determinada instituição e pretende contribuir para identificar se as expectativas geradas durante o curso são confirmadas após a formatura e durante o processo de inserção no mercado de trabalho.

A presente pesquisa trata-se de um estudo qualitativo, cuja metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, cujos procedimentos metodológicos consistiram em: investigar os materiais já produzidos sobre a temática, dentre eles: livros, teses, dissertações e artigos, além de pesquisa de campo, realizada por meio de entrevistas com os egressos do curso de Pedagogia de uma instituição confessional do interior de São Paulo, a fim de identificar o perfil desse público; Foi realizada a análise de conteúdo dos dados qualitativos por meio do software WebQDA.

## A formação de homens no curso de Pedagogia no Brasil

Em meados da década de 90 foi escrito em São Paulo um artigo sobre um fenômeno denominado a “feminização do magistério”. Já naqueles anos alguns pesquisadores estavam atentos a esse processo e suas implicações sobre a profissão docente. Mais de 25 anos depois esse mesmo fenômeno continua existindo e sendo percebido por aqueles que de alguma forma estão inseridos no ambiente pedagógico. No presente texto buscamos apresentar o fenômeno já anteriormente citado, investigando como ele se deu e suas consequências para aqueles que, sejam homens ou mulheres, estão inseridos no magistério, especialmente nas séries iniciais.

Feminização do Magistério: A chegada das mulheres

Segundo Piazzetta (2015), “historicamente, a passagem da hegemonia masculina para a feminina na docência relaciona-se a aspectos econômicos, culturais e sociais”. (Piazzetta, 2015, p. 1). Em seus primórdios, a educação surge como um espaço do/para o masculino, pois os primeiros educadores eram homens que tinham a função de educar os meninos sobre o conhecimento construído por outros homens. (Piazzetta, 2015, p. 3). Mas esse processo foi bastante demorado.

De acordo com Demartini e Antunes (1993) “durante o período colonial, a mulher brasileira esteve afastada da escola. Os colégios e escolas elementares mantidos e administrados pelos jesuítas destinavam-se apenas aos homens. (Demartini e Antunes, 1993, p. 6). Apenas em 1827, a mulher adquiriu o direito à educação.

Com o passar do tempo – já nos últimos anos do Império – a situação se alterou e, pouco a pouco as mulheres, foram sendo admitidas na Escola Norma e acabaram por se transformar num espaço predominantemente feminino.

Esse predomínio feminino na docência é denominado na literatura como “feminização do magistério”. Carvalho (1998), ressalta que esse processo não ocorreu de forma linear, sendo sempre acompanhado de intensas discussões e controvérsias, que envolveram os significados sociais de masculinidade e feminilidade, as prescrições quanto a maternidade e as expectativas sociais sobre homens e mulheres, assim como as ideias de criança e infância, escola e escolarização. (Carvalho, 1998, p. 4)

Eugênio (2010) citado por Piazzetta (2015) refere que a feminização docente não é somente “a presença maciça das mulheres nos quadros docentes, mas a adequação do magistério às características como cuidado, associadas historicamente ao feminino”. Eugênio (2010, p. 01) apud (Piazzetta, 2015, p. 3)

Para se ter uma ideia da representação de gênero em 1875: “O número de matrícula geral dos alunos de 1º e 2º anos era 61, dos quais 29 eram mulheres. O curso anexo recebeu 127 matrículas, 55 rapazes e 72 moças, sendo que no 1º e 2º ano havia 24 moças para 20 rapazes”. As autoras ressaltam então que, “a partir daí o começo da feminização da frequência na Escola Normal de São Paulo”. (Demartini e Antunes, 1993, p. 6).

Porém, é preciso também levar em conta que essa mudança no corpo docente não ocorreu apenas para oportunizar o ingresso de mulheres no curso de formação de professoras. Segundo referidas autoras,

No final do século passado, algumas correntes de pensamento que discutiam a existência de diferenças "naturais" entre os sexos, tais como caráter, temperamento e tipo de raciocínio, acabaram influenciando todas as medidas adotadas na área educacional, acentuando ainda mais os preconceitos e a ordem estabelecida. Segundo essas correntes, a mulher, e apenas ela, era biologicamente dotada da capacidade de socializar crianças, como parte de suas funções maternas. E sendo o ensino na escola elementar visto como extensão dessa atividade, o magistério primário passou a ser encarado como profissão exclusivamente feminina. (Demartini e Antunes, 1993, p. 7).

E existem ainda outras motivações a serem consideradas, segundo a mesmas autoras, “a iniciativa teria sido reforçada devido aos bons resultados obtidos inicialmente e ao salário pouco compensador que era pago aos professores, afastando os homens e criando mais oportunidades para as mulheres.” (Demartini e Antunes, 1993, p. 7).

Assim, podemos notar que vários foram os fatores que possibilitaram a feminização do magistério, incluindo o fator econômico. É importante observar que, mesmo o magistério sendo composto em sua maioria por mulheres, isso não tornou a situação mais fácil para elas; pelo contrário,

Uma vez integradas ao magistério, as mulheres sentiam o peso do preconceito em relação ao trabalho feminino entre o próprio professorado. Apesar de representarem a maioria absoluta, as professoras levavam desvantagem em relação aos professores em termos de carreira e remuneração” (Demartini e Antunes, 1993, p. 7).

#### Segundo Bruschini citado por Demartini e Antunes

A concepção de que os salários das mestras podiam ser inferiores aos dos professores, justificados por seu caráter secundário ou por serem complementares à renda familiar, ajudou a sedimentar a imagem do magistério como "ocupação ideal para mulheres" e a legitimar, com o passar dos anos, o crescente empobrecimento da categoria (Bruschini, Amado, 1988. p.7, apud Demartini e Antunes, 1993, p. 8).

Outro elemento fundamental para a feminização do magistério foi o conceito de vocação. Ligado à ideia de que as pessoas têm aptidões e tendências inatas para certas ocupações, o conceito de vocação foi um dos mecanismos mais eficientes para induzir as mulheres a escolher as profissões menos valorizadas socialmente (Bruschini, Amado, 1988. p.7) apud (Demartini e Antunes, 1993, p. 8).

## Feminização do Magistério: A saída dos homens

Se por um lado se tem a chegada das mulheres ao magistério e os desafios que enfrentaram, por outro, se tem a saída dos homens dessa função. Alguns saíram pelo desejo de desempenhar outras funções, enquanto outros sequer chegaram a entrar.

Atualmente, conforme refere Rabelo (2013, p. 909), “o professor homem torna-se um corpo estranho nas séries iniciais do ensino fundamental”, e “a chegada de um homem num espaço dominado por mulheres e supostamente feminino produz uma sensação de deslocamento, desconfiança e incômodo” (Sayão, 2005, p. 66). O masculino nesse contexto, ao exercer uma profissão considerada feminina, personifica o conflito da expectativa social, além de indicar as “exceções aos padrões de gênero ou tentativas de reafirmação de sua masculinidade” (Rabelo, 2013, p. 911).

Piazzetta resume a contexto atual da profissão docente ao afirmar que

Atualmente tende-se a ter um número reduzido de docentes do sexo masculino, principalmente no que se refere aos níveis da educação infantil e anos iniciais, o que desperta para a relevância de se analisar as implicações para o masculino que busca atuar nesse espaço. (p. 1)

Na entrevista coletadas por Demartini e Antunes, os entrevistados salientaram que havia,

“fortes interferências políticas nas carreiras do magistério, as promoções e remoções de inspetores, delegados e diretores para favorecimento ou por perseguição; e, principalmente, o reconhecimento de como era fácil aos homens irem assumindo esses postos, mesmo sem especialização. (Demartini e Antunes, 1993, p. 10)

Em contrapartida, a análise das trajetórias professoras entrevistadas

permite-nos constatar justamente o oposto: apenas sete, entre 33, conseguiram sair do magistério primário e deixar as salas de aula; as demais,

passaram por diferentes regiões e tipos de escola, mas aposentaram-se exercendo a atividade docente, como professoras primárias (Demartini e Antunes, 1993, p. 11)

A conclusão a que podemos chegar, nas palavras das autoras, é que “tão logo era possível, esses homens que assumiram o magistério como profissão iam tentando direcionar suas carreiras para outros postos, e abandonar o espaço “feminino” das salas de aulas”. E embora não estejam mais em sala de aula, agora atuando como diretores, supervisores e assim por diante. (Demartini e Antunes, 1993, p. 13). E assim a pedagogia continua sendo uma “profissão feminina”, exercida pelas mulheres, mas ainda formadas pelos lentes homens das Escolas Normais, e controlada pelos administradores homens da rede de ensino. (Demartini e Antunes, 1993, p. 13)

De acordo com Carvalho 1998,

Um elemento presente em quase todas as entrevistas foi a pressão sobre esses professores de classe no sentido de que eles ascenderem em suas carreiras, seja lecionando para séries mais avançadas, seja assumindo cargos administrativos, de forma semelhante ao encontrado na literatura em língua inglesa. Quase todos incorporaram em seus planos futuros deixar o ensino primário, mesmo aqueles que apresentavam justificativas ideológicas ou religiosas para um compromisso com as crianças. (Carvalho, 1998, p. 13)

Durante seus estudos de pós-graduação Rabelo (2013) fez uma pesquisa com 209 professores do Brasil e de Portugal, além de entrevistar seis professores a fim de entender melhor a realidade que enfrentam lecionando em escolas públicas. Após analisar os dados coletados a autora cita que,

Nos questionários, os preconceitos que mais apareceram foram aqueles relacionados com: a homossexualidade (homofobia); a concepção de que o homem é incapaz de lidar com crianças (por exemplo, por ser diferente, jovem, indelicado, autoritário); o pressuposto de que todos/as os/as professores/as do segmento são mulheres ou de que se trata de um trabalho feminino; o medo da pedofilia e do assédio sexual; a consideração de que a docência é um ofício pouco rentável e não adequado para homens. Também foram citadas outras discriminações, como o preconceito racial, a discriminação positiva e a exclusão de decisões. (Rabelo, 2013, p. 912)

Ela pontua também que o aparecimento dessas discriminações está também relacionado a outros fatores como raça, classe social e mesmo idade. (Rabelo, 2013, p. 913)



Contudo é preciso observar aqui que nem sempre as discriminações são tão claras, conforme afirma Williams (1995) citado por Rabelo (2013)

na “maioria das discriminações são mais sutis” (Williams, 1995, p. 13), como o fato de serem empurrados para outras posições em decorrência de estereótipos (por exemplo, posições de chefia ou em áreas que lidem com crianças maiores ou adultos). Enquanto alguns homens podem sentir-se desconfortáveis com essas expectativas (e, por isso, deixar a profissão), outros permanecem e se conformam com as frequentes recompensas. (Williams, 1995, p. 13) apud (Rabelo, 2013, p. 913)

Assim, muitos homens acabam desistindo do sonho de ser professor, sendo levados pela 'maré' do sistema que os empurra para funções fora da sala de aula, mesmo que, muitas vezes, não estejam devidamente preparados para isso.

Dentre os principais preconceitos enfrentados por homens no magistério destacamos alguns:

## **Preconceitos em relação a gênero masculino**

Diversos autores e investigações mostram que os homens atuantes em profissões consideradas femininas têm a necessidade de afirmar sua masculinidade (até mesmo buscando relacionamentos heterossexuais), pois, conforme afirma Torrão Filho (2005, p. 144), “a maior ansiedade com relação à homossexualidade, para os homens, está nesta identificação com o feminino”, então o homem deseja mostrar que não é feminino. (Rabelo, 2013, p. 915)

É interessante observar também que as referências a esse tipo específico de preconceito são diferentes entre Brasil e Portugal. De acordo com Rabelo (2013) “Em nossos dados, isso se demonstra na não existência de tal preconceito e na menor quantidade de discriminações demarcadas pelos professores portugueses em comparação aos brasileiros. (Rabelo, 2013, p. 916). Isso não nos deve levar a concluir que não exista esse tipo de preconceito em Portugal, contudo não parece ser um item muito considerado naquela realidade.

## Discriminação por ser homem: homem não tem dom para lidar com crianças

Ainda de acordo com Rabelo (2013) “A segunda maior discriminação descrita pelos professores do Rio de Janeiro e a maior em Aveiro foi a de que o fato de ser homem gerava desconfiança em relação à capacidade de ser professor.” (Rabelo, 2013, p. 916)

Esse é justamente um dos paradoxos em que os homens que atuam em sala de aula enfrentam que parece irreconciliável,

se eles têm características femininas e são considerados homossexuais (logo, maus exemplos que não podem dar aulas para crianças); ou têm características masculinas (que não são boas para o ofício) e não possuem, por isso, aptidão para o magistério. Em outras palavras, discrimina-se o homem da docência desse segmento. (Rabelo, 2013, p. 916)

Nesse sentido, Piazzetta (2015) concorda com Rabelo quando afirma que a saída dos homens da sala se deu em parte porque o homem é visto como “moralmente inadequados para educar as meninas”, já que os homens parecem ser “incapazes” de ter a “sensibilidade feminina” necessária para cuidar das crianças. (Piazzetta, 2015, p. 2)

## Um ofício que paga tão pouco

Destacamos aqui também a baixa remuneração da profissão como o fator que tende a desanimar aquele que pretende ingressar na carreira docente. Ainda citando Rabelo (2013) esse é um outro fator coletado na sua pesquisa.

## Dados coletados

Para realização dessa pesquisa foram realizadas algumas entrevistas com alunos egressos do curso de pedagogia de uma instituição confessional do interior de São Paulo. As entrevistas tinham por objetivo verificar se os dados apresentados na pesquisa bibliográfica podem ser visualizados nas respostas das entrevistas e se existem outros fatores não contemplados anteriormente. Para melhor análise dos

dados coletados as entrevistas foram submetidas ao software WebQDA, que nos permitiu um melhor cruzamento das informações coletadas. Apresentamos a seguir a análise dos dados.

Os entrevistados têm entre 28 e 47 anos e atualmente residem nas regiões Sul, Sudeste e Norte do Brasil. Eles concluíram a graduação em Pedagogia entre os anos de 2011 e 2020.

Os membros que compõem essa amostra foram questionados (Anexo 1) quanto a sua expectativa quanto ao curso de Pedagogia, desafios enfrentados durante o curso e após a conclusão, bem como sua relação com essa área atualmente.

Quanto à expectativa, 50% dos entrevistados destacaram que a principal expectativa ao ingressar no curso de pedagogia era que o curso os preparasse para a gestão. De acordo com o candidato 5,

Olha, eu tinha muita expectativa na área da gestão educacional. Eu via muitas meninas saindo para a sala de aulas, a base indo para a gestão. Então minha grande expectativa era isso. Eu estava ciente de que daria pouca aula para a educação infantil. Eu não tinha essa expectativa. Então eu vi as meninas indo pra sala de aula e os rapazes também dando aula, mas muito pouco.

A fala desse entrevistado está de acordo com a expectativa manifestada por outros dois colegas. Esse pensamento já nos revela, conforme foi apresentado acima, que existe uma predisposição natural do público do sexo masculino de almejar a gestão escolar com sua formação pedagógica. Além disso, um outro fator a ser destacado na fala acima diz respeito à expectativa negativa de que, sendo do sexo masculino, teriam poucas oportunidades em sala de aula na Educação Infantil. Ainda sobre as expectativas, outros três colegas mencionaram a expectativa de atuarem em sala de aula ao ingressarem no curso.

A respeito dos desafios, os entrevistados foram questionados sobre o desafio ao escolherem o curso, durante e após sua conclusão. Ao analisar as respostas dos candidatos, uma das primeiras constatações a que chegamos é que, para mais da metade deles, a pedagogia não foi a primeira opção. Três deles mencionaram que tinham em mente um outro curso e que apenas depois de analisarem as possibilidades escolheram o curso de pedagogia. Um candidato mencionou que cursou pedagogia como forma de expandir sua área de atuação em conexão com sua primeira

formação. Outros dois candidatos mencionaram a influência de professores e da família como motivadores para a escolha do curso.

De acordo com as respostas do entrevistado 1, ele escolheu pedagogia pela possibilidade de poder trabalhar em outra área que não fosse necessariamente a área pastoral, mais especificamente na área da gestão escolar. Essa fala reforça dois pontos afirmados anteriormente. Nesse ponto, destacamos uma característica particular da instituição pesquisada. Nessa instituição há também um curso de teologia, responsável pela formação de pastores que servem a denominação mantenedora da instituição. Esse fato é mencionado, pois, parece haver uma íntima relação entre as duas áreas o que exerceu alguma influência sobre alunos que ingressaram na pedagogia já possuindo uma primeira formação em teologia, como é o caso do entrevistado citado e do pesquisador que conduziu esta pesquisa. Duas conclusões podem ser obtidas aqui, em primeiro lugar, que a pedagogia mais uma vez foi escolhida com uma área secundária de formação tendo em vista ampliar a atuação profissional e em segundo lugar, que assim como outros candidatos, o curso foi escolhido tendo em vista alcançar um cargo de gestão.

A respeito dos desafios durante o curso, a maioria dos desafios mencionados não se relacionam ao tema da pesquisa, contudo duas respostas devem ser mencionados aqui, o entrevistado 1 se expressou da seguinte maneira, “o mais desafio que enfrentei é que é um curso que, a meu ver, foi estruturado para mulheres e não para homens. Esse foi o meu maior desafio, tudo era muito voltado para o sexo feminino” e o entrevistado afirmou que “o estágio foi o mais desafiador, a sala de aula, lidar com as crianças.” E o candidato 3, disse:

ao lidar com questões dos pequenos, foi pra mim um desafio, foi uma dificuldade. A creche, a parte do maternal, enfim, aí eu dou a mão para as mulheres que elas têm mais um tato com essa parte aí. Então eu vejo que nesses pontos aí do estágio, da disciplina voltada para os pequenos eu tive dificuldade. A maior dificuldade foi essa. Apesar do curso em si a gente ter as suas nuances, as suas dificuldades e alegrias durante o curso, mas um que me marcou foi esse.

Outros dois entrevistados também fizeram menção ao fato de se sentirem em alguns momentos deslocados por estarem em um ambiente majoritariamente feminino.

O sentimento desses egressos nos ajuda a compreender a sua relação com a pedagogia, sentimento esse compartilhado por muitos profissionais que também possuem essa formação. Por não se sentirem engajados na área acabam se deslocando para ambientes mais cômodos para o seu gênero, deixando assim de ocupar um espaço que continua sendo feminino.

Após a conclusão do curso, os entrevistados mencionaram os seguintes desafios: “desafios de como trabalhar a gestão financeira”, “começar sem experiência”, “a não oportunidade de ser um docente” e desafios ligados à gestão da escola. O entrevistado 1 se expressou da seguinte forma,

após a conclusão foi a não oportunidade de não poder exercer como um docente. Pois como é que você vai ser um bom gestor se você não passou pela sala de aula e não conhece quais são as lutas, os desafios e os problemas que o professor enfrenta.

Finalmente os participantes da pesquisa foram questionados sobre a relação com o exercício da profissão de pedagogo atualmente. Dos seis entrevistados, quando as entrevistas foram realizadas, entre agosto de As respostas coletadas deixam implícito que os desafios enfrentados por eles, de alguma forma, se relacionam com a forma como o pedagogo é inserido no mercado de trabalho, especialmente aqueles que assumem cargos de gestão e que não possuem experiências que os habilitem previamente para os desafios que enfrentam em suas funções.

Em setembro de 2022, dois deles estavam desempregados, um deles atuava como professor das séries iniciais na rede pública, o outro atuava como coordenador de uma escola particular, um como coordenador para o Estado de São Paulo e um como capelão e professor de religião. Em resumo, três deles atuavam em áreas diretamente ligadas à sua formação em pedagogia e um deles atuava em uma área na qual seus conhecimentos pedagógicos o auxiliavam, em suas palavras: “A formação que eu tive na instituição hoje me ajuda bastante, especialmente em sala de aula. As ferramentas, a didática está me ajudando bastante.” (entrevistado 1).

Se considerarmos as proporções, a maioria deles atualmente atua em cargos de gestão, o que de fato comprova o que os teóricos dizem sobre a forma como os pedagogos, homens, atuam após ingressarem no mercado de trabalho.

A partir dos dados acima analisados podemos chegar às seguintes conclusões:

1. As informações apresentadas pelos teóricos, durante a fase de revisão bibliográfica, se confirmam na fala dos entrevistados. Os desafios mencionados atestam para o fato de que o preconceito muitas vezes marginaliza homens que decidem entrar nessa área, seja de forma negativa, vedando-lhes as oportunidades de atuarem sem sala de aula, ou ainda de forma “positiva” levando-os para funções de gestão.
2. A própria visão dos egressos deixa claro que há na mentalidade geral a crença de que pedagogos têm pouco espaço em sala de aula e de que as mulheres são as mais capacitadas e com maior habilidade para lidar com as crianças.
3. Embora alguns entrevistados tenham mencionado a questão do preconceito, em sua maioria os entrevistados demonstraram que sentiram que essa situação tem sofrido mudanças e mencionam inclusive que se sentiram bastante acolhidos e até valorizados, por parte das colegas, professores e da instituição de ensino durante sua formação.
4. E finalmente, ao considerarmos as funções desses egressos, podemos perceber que, em sua grande maioria, após a formatura, esses pedagogos atuaram nas mais diversas áreas, menos em sala de aula, ainda que esse fosse o seu desejo. Como consequência disso, vários outros desafios foram enfrentados devido à sua pouca experiência.

## Considerações finais

Com base nos dados coletados e analisados, até o presente momento podemos chegar a algumas conclusões. Ao pesquisarmos o tema, uma das primeiras conclusões a que chegamos é que o processo denominado na literatura como “feminização do magistério”, isto é, à maciça ocupação da profissão docente por mulheres, especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, é o resultado de uma série de fatores políticos, sociais e econômicos que têm estado em ação nos últimos dois séculos. Ao observamos o panorama histórico da formação de professores, podemos ver que a partir de meados do século XIX, com a oportunização de entradas de mulheres nas Escolas Normais, então instituições responsáveis pela formação de professores, que eram na época a única oportunidade de uma formação superior para essas mulheres, o fluxo só aumentou e os homens que até então eram maioria foram

“afastados” do ambiente docente em sua quase totalidade. Desde então, a profissão docente tem sido reconhecida como uma profissão feminina.

Concluimos também que a partir desse contexto histórico e da consequente solidificação na mentalidade da sociedade, de que a função de educar as crianças era uma função “exclusiva” das mulheres, todos aqueles que decidiram seguir essa profissão em maior ou menor grau sofreram preconceitos. Esse preconceito se subdivide em várias categorias, sendo as mais comuns: a homofobia, acusação de que o homem não possui “jeito” para lidar com crianças, acusação de que todo homem é um potencial abusador de crianças, falta de habilidade pedagógica e entre outros. Seja qual for a natureza ou o grau do preconceito sofrido, em muitos casos o resultado é que esses candidatos acabam desistindo de seguir a profissão de professor.

## Bibliografia

CARVALHO, Marília Pinto de. Vozes masculinas numa profissão feminina. **Estudos Feministas**, v. 6, n. 2, 01 - 01- 1998, p. 406-422.

DEMARTINI, Z. de B. F.; ANTUNES, F. F. Magistério primário: profissão feminina, carreira masculina. **Cadernos de Pesquisa**, n. 86, 31-08-1993, p. 5-14.

PIAZZETTA, Tamara. O masculino na docência na educação infantil e anos iniciais. **Sbece**, v. 14, n. 14, mai./jul./ago. 2000, p. 61-88.

RABELO, Amanda Oliveira. Professores discriminados: um estudo sobre os docentes do sexo masculino nas séries do ensino fundamental. **Educação e Pesquisa**, v. 39, n. 4, out/dez - 2013, p. 907-925.

SAYÃO, Deborah Thomé. Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: Um estudo de professores em creche. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em educação, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, 2005.

TANURI, Leonor Maria. História da formação de professores. **Revista Brasileira de Educação**. n. 14, mai/ago - 2000, p. 61-88.

## Anexos

### Anexo 1 - Roteiro de entrevista

#### I. Identificação

##### 1. Idade:

2. Cidade:

II. Formação acadêmica

3. Ano de formatura no curso de Pedagogia:

4. Possui outra graduação?

5. Possui curso de especialização/pós-graduação?

6. Qual?

III. Atuação profissional

7. Função atual:

8. Funções que desempenhou após a formatura em Pedagogia:

9. Tempo de exercício em funções ligadas à Pedagogia (Docência e/ou gestão/outros)?

IV. Relação com a Pedagogia

10. Por que escolheu o curso de Pedagogia?

11. Quais eram suas expectativas ao ingressar no curso de Pedagogia?

12. Quais desafios enfrentou ao escolher esse curso?

13. Quais desafios enfrentou durante o curso?

14. Quais desafios enfrentou após a conclusão do curso?

15. Como você percebe sua relação com o exercício da profissão de pedagogo atualmente?